A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NA COPA AMÉRICA DE 2007: UMA DEMANDA DISCURSIVA INACABADA

THE BRAZILIAN FOOTBALL TEAM IN AMERICA CUP 2007: AN UNFINISHED DISCURSIVE DEMAND

Gustavo da Silva Freitas*
Luiz Carlos Rigo**
Eliane Ribeiro Pardo**

RESUMO

Este artigo situa-se no campo de estudos a respeito do futebol e suas relações com a cultura contemporânea. Neste sentido, delimitamos a Copa América de 2007 como um *corpus* empírico para investigarmos as produções discursivas que tratam da Seleção Brasileira sob o comando do técnico Dunga. Este evento foi tratado por grande parte da imprensa esportiva nacional como um dos principais testes para a Seleção Brasileira de futebol após a desclassificação da Copa do Mundo em 2006. Utilizando-se da metodologia de análise de discurso a partir da perspectiva apontada por Michel Foucault, este artigo faz um estudo dos discursos midiáticos referentes à Seleção Brasileira durante aquela competição, na qual a seleção sagrou-se campeã, vencendo na final a Seleção Argentina por 3 X 0. Como conclusão do estudo, apontamos para o campo midiático como um espaço onde circulou e foi produzida uma pluralidade discursiva que colocou em disputa diferentes possibilidades de identidades para a Seleção Brasileira.

Palavras-chave: Futebol. Discurso. Meios de comunicação.

INTRODUÇÃO

A eliminação precoce na Copa do Mundo de 2006 efervesceu o debate acerca da Seleção Brasileira de futebol, fazendo proliferar, pelos meios de comunicação, uma multiplicidade discursiva sobre os possíveis motivos que levaram ao fracasso nos campos alemães. A derrota e o baixo desempenho demonstrados pela equipe geraram, adiante, uma série de agenciamentos que foram postos em prática na tentativa de construir um novo modelo de seleção, destacando-se entre esses agenciamentos a troca no comando técnico.

Passado um ano do trauma (drama) da eliminação, a Seleção Brasileira voltou a disputar uma competição oficial, dessa vez em alcance menor, que foi a Copa América de 2007. Ainda assim, a expectativa gerada pela imprensa esportiva em torno daquilo que a Seleção

Brasileira era capaz de apresentar a partir das alterações realizadas, começando pela provação do novo técnico, o Dunga, indicava a importância dessa competição num cenário de reconstrução da equipe brasileira.

Movido pelas indagações de quais seriam os efeitos de um processo não mais de desconstrução, mas de afirmação de um estilo possível para a Seleção Brasileira, assim como de que maneira o campo midiático trabalhou na produção de discursos num momento de positividade como o da Copa América, este artigo está pautado pela análise dos discursos postos em circulação em meio à realização desse torneio, tendo por referência o que sobrou da Copa do Mundo e que continua a ocupar os canais de visibilidade. Para tal, será operacionalizado, num primeiro momento, o conceito de interdiscursividade partindo do plano foucaultiano, para mostrar um modo de

* Mestre em Educação Física. Membro do Grupo de Pesquisa de Estudos Culturais em Educação Física

** Doutor(a). Docente da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – Líder do Grupo de Pesquisa de Estudos Culturais em Educação Física.

captar as diversidades contidas nos discursos proferidos pelas diferentes posições de sujeito a respeito do papel da Copa América 2007. Na sequência, será analisada a forma como a imprensa esportiva tratou o jogo da final entre o Brasil e a Argentina, um clássico sul-americano que traz consigo uma rivalidade histórica capaz de fazer aflorar os mais diferentes sentimentos de identidades e de diferenças (alteridade) tanto na imprensa brasileira como na argentina. Por fim, utilizaremos também Bourdieu (2002), especificamente no uso do conceito de “campo”, para pensar os discursos midiáticos como um “campo” discursivo, concluindo o artigo numa reflexão sobre as demandas e a polifonia discursiva que o campo midiático fez daquele acontecimento esportivo.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para fazer este estudo utilizamos como suporte metodológico alguns elementos da Análise de Discurso na perspectiva que faz Michel Foucault, em que o discurso é compreendido como uma prática discursiva produtora de realidade (efeitos do discurso) que é constituída por determinadas condições de possibilidades, políticas e epistemológicas (FOUCAULT, 1995; 1998). Aliada à Análise de Discurso, anteriormente assinalada, utilizamos também alguns procedimentos e princípios metodológicos característicos do Método Cartográfico, conforme o concebe Rolnik (2006), sobretudo o procedimento da não necessidade de delimitar, *a priori*, todas as fontes que compõem o *corpus* da pesquisa e o princípio da autonomia do sujeito da pesquisa, o qual lhe confere a possibilidade de selecionar aquelas fontes que ele considere as mais relevantes e de cruzar e associar fontes de natureza distintas. Isso é possível, principalmente, porque a Cartografia “desafia as lógicas cartesianas de progresso e evolução, e inventa outros caminhos nunca imaginados” (MAIRESE, 2003, p. 262).

Para a realização deste artigo foram utilizadas como fontes: a transmissão pela Rede Globo do jogo de estréia entre o Brasil e o México, no dia 27 de junho de 2007; a transmissão pela Rede Globo da final entre o Brasil e a Argentina no dia 15 de julho de 2007;

a totalidade de edições dos jornais Zero Hora/RS e Folha de S. Paulo/SP, abrangendo desde o primeiro jogo até três edições posteriores à final da competição; a Revista Placar do mês de julho de 2007, e ainda matérias colhidas de observações assistemáticas em *sites* de esportes nos meses de maio a julho de 2007. Além dessas, uma entrevista retirada do programa *Bem, Amigos* em fevereiro de 2007 também foi utilizada, justificada pela presença do treinador Dunga, que, entre outros assuntos, tratou da preparação para a Copa América 2007.

UMA SELEÇÃO DESACREDITADA

No intuito de contextualizar o momento histórico vivido pela Seleção Brasileira, cabe ressaltar que, às vésperas do pontapé inicial dessa competição, disputada na Venezuela, a revista Placar, na edição de julho de 2007, trouxe como matéria de capa a seguinte manchete, ao lado da imagem da camisa oficial jogada na lata no lixo: “Onde foi parar a seleção. Desdenhada pelos craques, distante dos torcedores e superexposta pela CBF a ‘amarelinha’ desbotou”. Nas páginas correspondentes, trazia o seguinte trecho, logo na abertura:

Não faz muito tempo, o máximo para um jogador de futebol era vestir a camisa da seleção de seu país. Ao ser convocado, o jogador ganhava um carimbo de excelência que o acompanharia para além da aposentadoria. Entre esses eleitos, de todas as nacionalidades, a mais alta honraria pertencia aos brasileiros: vestir a mais mítica camisa de futebol do mundo, a ‘amarelinha’. Hoje esse amarelo desbotou, superexposto ao sol da ganância, torcido pela mão pesada dos clubes. O jogador já não precisa mais da seleção para ter projeção mundial – os times da Europa bastam para isso. O torcedor, distante de treinos e jogos que quase sempre acontecem no exterior, já não se sente identificado com a equipe – até porque os jogadores do seu time do coração não têm mais vaga na seleção, tomada pelos que jogam no exterior, de melhor nível (DO LUXO..., 2007, p. 57).

A matéria segue em mais quatro páginas, onde algumas personalidades envolvidas com o futebol, como o jornalista Juca Kfourri, o ex-jogador Zico, o publicitário Washington Olivetto e o superintendente do São Paulo F. C. Marco Aurélio Cunha, elencam os motivos pelos quais a seleção deixou de seduzir o torcedor. Entre os motivos estariam a crescente transformação da Seleção Brasileira num negócio de *marketing*, viabilizando amistosos em diversas partes do mundo em troca de um significativo aporte financeiro; a frequente realização desses amistosos em gramados da Europa, deixando o público brasileiro no Brasil carente de uma apresentação; o desdém dos craques brasileiros, interessados mais em satisfazer seus contratos com seus clubes do que representar a seleção do País; e a banalização dos jogos da Seleção Brasileira, que, justamente por ter de cumprir um contrato e não ter nada a perder, deixa de chamar atenção do grande público e dos jogadores convocados.

Ademais, como deixado nas entrelinhas, a visada de tal reportagem pode residir na incômoda atitude de alguns jogadores brasileiros - expoentes técnicos, segundo a própria imprensa - terem solicitado dispensa dias antes da convocação para a disputa da Copa América. Em nome do desfrute de um período de férias após a temporada europeia, Ronaldinho Gaúcho e Kaká divulgaram este desejo, assim publicado pelo *site* Globoesporte no dia 18 de maio de 2007: "Em seus pedidos de dispensa da Copa América, Kaká e Ronaldinho deixaram claro à CBF que não querem disputar o torneio da Venezuela porque não têm férias desde 2004 e estão cansados". Feita a convocação, outro a solicitar dispensa, mas por motivo de não ter perspectiva de continuidade na própria Seleção Brasileira, foi o meio-campo Zé Roberto. O jogador, um dos destaques na Copa do Mundo de 2006, diz, em matéria no *site* Globoesporte:

[...] 'Até Mesmo Por Causa Da Minha Idade Decidi Pedir Dispensa Da Seleção. Meu Ciclo Já Terminou. Não Tenho Idade Para Disputar A Próxima Copa Do Mundo, E O Técnico Dunga Já Disse Que Quer Dar Oportunidade Aos Jovens Jogadores. Eu Abro Espaço Para Os Mais Jovens' (08/06/2007).

Ligada a esse último caso, outra questão passa a ser impositiva: o próprio sentido de renovação trazido pelo treinador Dunga fez com que jogadores ausentes em listas de treinadores anteriores substituíssem atletas que regularmente vinham sendo chamados até a Copa do Mundo de 2006. Isso, segundo alguns jornalistas, teria contribuído para alimentar um sentimento de desapego para com o torcedor. O jornalista Rafael Prada, em matéria escrita para o *site* Terra durante a preparação da Seleção Brasileira na Granja Comary, Rio de Janeiro, descreve a sensação de desapontamento dos torcedores em relação àqueles que ali treinam para representar a Seleção Brasileira na Copa América. Sob o título "Teresópolis desconhece Seleção de Dunga", escreve:

Com as dispensas de Ronaldinho, Kaká e Zé Roberto, a tônica entre os moradores da cidade e até mesmo dos torcedores é uma só: quem são os 22 convocados para a disputa da Copa América, na Venezuela, entre os dias 26 de junho e 15 de julho? [...] O estudante Vinícius Gonçalves, 17 anos, acompanha futebol. Mas o jogador que ele conhece e quer ver nesta curta estadia da Seleção em Teresópolis não está sob o comando de Dunga, e sim, de Nelson Rodrigues, da Seleção Sub-20: o jovem atacante Alexandre Pato. 'A Seleção já movimentou muito essa cidade aqui, mas hoje em dia não mexe muito com o comércio. E tem poucos jogadores conhecidos para os torcedores, quem eu quero ver mesmo é o (Alexandre) Pato', confirma. Comerciante há mais de dez anos na cidade, Cláudia Braga, 38 anos, conta que até mesmo o feriado da última quarta-feira, dia 13 de junho, atraiu mais gente e rendeu mais movimento. 'Antes tinha uns mais conhecidos, mas agora não tem muito isso, não. O dia de Santo Antônio foi mais movimentado', completa" (16/06/2007).

É nesse cenário que a Seleção Brasileira chega para a disputa da Copa América. Há um visível incômodo em curso sobre a sua crescente impotência de mobilização nacional, ao mesmo tempo em que um modelo possível está prestes a estrear e ser posto em discussão por aquilo que

um novo perfil é/foi capaz de implementar na Seleção Brasileira.

DISCURSOS À PROVA

Para evitar exames distorcidos de qualquer ordem, ou mesmo um comprometimento analítico e prematuro sobre as relações entre discurso midiático e Seleção Brasileira, é necessário estabelecer uma diferenciação entre os eventos Copa do Mundo e Copa América. Igualar a potência de uma Copa do Mundo com a existente em Copa América constitui, no mínimo, uma imprudência, pois parte de grandezas diferentes. Segundo Guedes (1998, p. 48), esse é um princípio bastante básico, simples, pois, nos períodos de Copa do Mundo,

[...] constitui-se um tempo próprio e uma história própria, considerados suspensos não apenas em relação ao que poderíamos chamar a História, mas também em relação à própria sucessão dos outros eventos, em níveis de abrangência menores. Nas Copas do Mundo só a memória de outras copas tem importância, sendo este o maior e mais valorizado confronto institucionalizado entre nações através do futebol.

Nessa tendência contemporânea de não conseguirmos desvincular o esporte e os grandes eventos esportivos dos meios de comunicação, a transmissão da Copa do Mundo põe em movimento um arsenal midiático que confirma ou que constrói esse tempo próprio lembrado pela autora. A cobertura desse evento mobiliza grupos distintos de profissionais na produção de textos nas diferentes instâncias midiáticas, cada qual lançando mão de determinada voz de autoridade na disputa de um mercado que funciona também na lógica comercial ao tentar cativar o ouvinte, o leitor ou o telespectador. Em menor escala e com configurações diferenciadas, isso também ocorre durante a Copa América.

As particularidades são visíveis no próprio suporte midiático, delimitado aqui pelo jornal e a televisão. Se durante a Copa do Mundo os jornais impressos – no nosso caso, Zero Hora/RS e Folha de S. Paulo/SP – costumam criar um encarte específico dedicado a cobrir a

pluralidade de assuntos que cercam o evento, chegando a transferir colonistas de outras áreas e/ou convidar personalidades para escreverem, na Copa América tamanha agitação não se confirma. As matérias publicadas sobre tal evento dividem espaço com outras tantas dispostas na seção esportiva dos jornais, além de essas ficarem a cargo de repórteres e colonistas que já assinam nos respectivos cadernos esportivos. Em 2007, os três últimos dias da Copa América coincidiram com o início dos Jogos Pan-Americanos, que mereceu destaque na imprensa esportiva por, afora a grandeza da competição, ter sua edição no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Assim, as reportagens produzidas falando dos preparativos da cidade, dos locais de competição e dos atletas foram realizadas concomitantemente às de outras fases da Copa América.

Na televisão algo semelhante ocorre, pois, enquanto na Copa do Mundo uma gama de profissionais e aparato técnico são deslocados para as cidades-sede da competição, na qual montam estúdio próprio, transmitindo os jogos diretamente do estádio onde estão sendo realizados, na Copa América as redes televisivas – aqui demarcadas como Rede Globo e SPORTV – enviaram uma quantidade menor de profissionais para acompanhar a seleção e seus treinamentos. Nem as equipes responsáveis por transmitir os jogos da Seleção Brasileira, formadas por locutores, comentaristas e analistas de arbitragem, foram deslocadas até a Venezuela, narrando os jogos em estúdios na sede local da empresa no Brasil.

Essas características - mas não só essas - evidenciam e distinguem o grau de presença marcado pela imprensa em cada competição. No entanto, a Copa América de 2007 surge como um acontecimento saliente em virtude de pôr à prova o - dito pelo próprio discurso midiático - *modus operandi* de um perfil de renovação sob o comando de um treinador que ela própria tem como referência somente o tempo em que ele foi jogador. Cabe analisar, nesse instante, quem participa desse discurso midiático que confere importância à Copa América, quem o constitui no sentido de conhecer seu *status*, sua posição, sua autoridade no emaranhado de vozes que falam sobre a Seleção Brasileira, em que

condições de existência pode ser dito, ou seja, pode-se saber a sua materialidade enunciativa.

A capacidade de descrever esse sistema de dispersão parte da ideia foucaultiana (1995) de que nenhum discurso está fora de uma formação discursiva, entendida esta como todas as formas de articulação das coisas ditas em determinada conjuntura, que trazem consigo as marcas enunciativas, da instituição e das posições ou situações dos sujeitos falantes. A noção de que a Copa América poderia representar um momento expressivo na (re)construção de um novo modelo de Seleção Brasileira foi dada *entre* essas diversas formações discursivas, deslocando-se em função daquilo que os enunciadores avalizavam. Estes enunciadores podem ser configurados como sendo tanto os chamados *especialistas* da imprensa esportiva – jornalistas (colunistas, repórteres, apresentadores, entre outros), ex-jogadores, ex-treinadores de Seleção Brasileira, enfim, todos aqueles que ocupam um lugar de destaque na imprensa e que se utilizam de uma voz da experiência e/ou autoridade sobre o assunto, às vezes pelo simples fato de estar na frente de uma câmera ou à frente de uma coluna de jornal –, quanto pelos enunciadores inseridos no próprio discurso – como o atual treinador, os integrantes da comissão técnica, os jogadores convocados e os dirigentes da Seleção Brasileira.

Nesse ritmo, quatro meses antes de iniciar a Copa América, o técnico Dunga participou do *Bem, Amigos*, no canal SPORTV, que é um programa de televisão exibido semanalmente às segundas-feiras, sempre com convidados do universo esportivo, num formato que mixa entrevistas, opiniões e debate. O programa foi ao ar dias após a primeira derrota sob o comando do Dunga, por 2 x 0, diante da Seleção Portuguesa, dirigida, na época, pelo ex-treinador da Seleção Brasileira Luiz Felipe Scolari, o Felipão. Nele Dunga escutou algumas avaliações sobre seu trabalho até então, com projeções à competição Sul-Americana, a começar pelo ex-jogador Nelinho, com passagens pela Seleção Brasileira nas Copas de 74 e 78, que fez a seguinte declaração, atestando este lugar de autoridade:

Eu tô achando que, por um lado, é muito ruim prum treinador que assume a seleção depois do que aconteceu na

Copa do Mundo porque cobram dele uma renovação [...] Então não só o treinador, tem que ter muita tranquilidade nessa hora como nós, os mais experientes que estamos na mídia ou ex-jogadores também tem que ter essa paciência e dar um voto de credibilidade ao treinador (12/02/07).

Na sequência, o jornalista Paulo César Vasconcellos faz o seguinte comentário, referindo-se à postura que deve ser tomada em relação ao trabalho de Dunga e, conseqüentemente, da seleção:

A Copa América vai mostrar efetivamente que rumo o Dunga vai seguir, porque ali ele vai ter um campo bom de observação, um tempo bom de observação e dizer assim olha: ‘esse é um grupo que eu de primeira posso levar para as eliminatórias’. Até lá, entendo que tem que ser dada essa tolerância, essa paciência, porque senão a gente começa a botar um técnico, tira, bota outro, tira e o trabalho não segue (12/02/07).

Em ambas as passagens nota-se que os discursos tratam da Seleção Brasileira, mas o fazem olhando para uma presumível função do próprio campo midiático ao se referir a ela. A primeira ratifica aquela posição de possuir a voz da experiência, como se observasse de fora os fatos e imprimisse a eles um parecer mais “frio”. Na segunda, o papel ou função avaliativa, que se pressupõe caber à imprensa, referente a esse momento histórico e não a outro, é acompanhado de uma noção de poder, por esta se incluir como atora de um processo de mudança quando se vale da expressão *a gente*.

À medida, porém, a competição se aproxima, os enunciados materializam uma postura pretensamente distanciada nesse processo, visto que existe um teste em curso. Os sentidos conferidos à Copa América como campo de observação e tempo de renovação agenciam esse sentimento espalhado nos veículos midiáticos, assim sintetizados na reportagem intitulada “Brasil rejuvenesce só 2 anos para 1º torneio após fracasso na Copa”, de Bruno Freitas e Leandro Canônico para o *site*

UolEsportes, na estreia da Seleção Brasileira diante da Seleção Mexicana:

[...] Como treinador, Dunga encontra-se mais ou menos no mesmo estágio de busca de afirmação na seleção que a maioria do jovem grupo que levou à Venezuela para a Copa América, desprezando-se, obviamente, sua extensa ficha de serviços prestados ao Brasil como jogador.

‘A primeira coisa é não esquecer o que aconteceu na Copa. Partir de tudo que não deu certo e pegar as coisas que deram certo para melhorar. Esses jogadores estão mostrando que têm condições de reverter essa situação’, emenda Dunga [...]

‘O importante agora é dar início a uma nova etapa. É legal você conquistar uma nova identidade. Mesmo que a gente ganhe a Copa América, não vamos apagar o que aconteceu na Copa do Mundo’, declarou o volante Gilberto Silva, que deve ser o capitão da seleção na Copa América a partir do jogo contra o México.

‘O momento agora é diferente, com outro treinador. Temos que esquecer o fracasso da Copa e mostrar espírito de seleção’, diz Vágner Love, escolhido para liderar o ataque ao lado de Robinho, em discurso de afinidade com o seu comandante (27/06/07).

Mesmo que os jornalistas tenham a prerrogativa de editar as declarações dos entrevistados, o que está dito acaba por mostrar uma tendência de todos – tanto nessa passagem quanto nas mencionadas anteriormente – a encarar a competição como um novo momento para a Seleção Brasileira, no qual se deve romper com as marcas da derrota do último mundial. Além de o perfil técnico estar à prova, um novo modelo, expresso em outro grupo de jogadores de Seleção Brasileira, precisa ser provado, assim como a capacidade da imprensa de lidar com essa situação. Algo nesse sentido é apontado pelo jornalista Rodrigo Bueno em matéria de capa da seção de esportes da Folha de S. Paulo Paulo/SP, em junho de 2007, sob o título, em letras maiúsculas, “Dunga faz estreia à parte na estreia da seleção”:

Sem nenhuma partida como treinador na América do Sul, ex-volante começa a Copa América, na Venezuela, ainda como uma incógnita [...] O gaúcho, que fará hoje seu primeiro jogo como técnico na América do Sul assumiu a equipe após o fracasso na Copa da Alemanha para a surpresa de muitos. [...] A incógnita que cerca a carreira do técnico Dunga pode encontrar uma resposta já na Copa América. E, apesar de a CBF ter garantido o treinador até a Copa de 2010, a história recente da seleção não é muito aliada da estabilidade. Na administração Ricardo Teixeira, que assumiu a presidência da CBF no final dos anos 80, algumas apostas em treinadores que não eram nem de longe unanimidade foram feitas, e o final dessas curtas "eras" se deu após torneios que não eram a Copa do Mundo (DUNGA..., 2007, p. D1).

A reportagem lembra uma declaração do presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, em maio de 2007, que, em entrevista coletiva aos veículos de comunicação, assegurou a presença do Dunga à frente da Seleção Brasileira até a Copa do Mundo de 2010:

Quero deixar claro. Tive uma reunião com os jogadores e a comissão técnica antes do terceiro jogo da chamada ‘Era Dunga’. E naquele dia disse para todos que o Dunga irá conosco até a Copa de 2010. Quero deixar isso público agora. O resultado da Copa América, os resultados de amistosos ou de qualquer outra competição que não seja eliminatória não tem qualquer significado para mim (GLOBOESPORTE, 17/05/07).

A disposição em associar a posição de Dunga à de outros treinadores que viveram situações semelhantes em outras épocas é mais um discurso que expande os prováveis efeitos de uma incógnita. A reportagem não o menciona, mas uma dessas associações pode ser feita com o período imediatamente posterior à Copa do Mundo de 1990, quando o então treinador Sebastião Lazaroni acabou sendo substituído por Paulo Roberto Falcão. Assim como Dunga, Falcão foi símbolo de uma geração (Seleção

Brasileira de 82): não havia trabalhado como treinador em nenhum clube ou seleção até então, teve uma carreira como jogador alicerçada no Rio Grande do Sul e assumiu o comando técnico da Seleção Brasileira também com o objetivo de efetivar uma renovação após a derrota para a Argentina naquele mundial. Falcão permaneceu no comando entre agosto de 1990 a julho de 1991 e acabou sendo demitido depois da Copa América disputada no Chile, pelas más atuações na campanha, que deu à seleção o vice-campeonato.

O cotejo entre aquilo que o presidente da CBF diz e aquilo que veio a ocorrer na história recente dos treinadores da Seleção Brasileira focaliza esse acontecimento discursivo a partir do pressuposto de que existe uma história real e um real da língua, sendo o sentido criado na relação entre as duas ordens. Dizer isso num jornal do centro do País, de grande circulação, em matéria de capa e com título em letras maiúsculas, faz do enunciador um incitador cuja legitimidade é dada por outros conjuntos funcionais de enunciados: já que é dito que é um teste, por que não pensar numa possível reprovação?

No Rio Grande do Sul, estado natal de Dunga, o jornal Zero Hora igualmente tece suas considerações pré-Copa América, a começar pela coluna diária de Ruy Carlos Ostermann:

A Seleção de Dunga, pela primeira vez envolvida em competição oficial, é um resumo da boa experiência do novo técnico com novos jogadores em cima do fracasso constrangedor da Alemanha. A Copa América é um torneio com muitos riscos (APENAS..., 2007, p. 52).

Ligado a outros discursos que tratam do risco que representa a competição para o treinador e, conseqüentemente, para o projeto de Seleção Brasileira – *A Seleção de Dunga* –, o enunciado acaba por singularizar uma posição de elogio à experiência do treinador, a qual justamente está presente em outras falas como elemento ausente na figura de Dunga como treinador, o que poderia depor contra seu próprio desempenho.

Mas o discurso midiático, mais como polifônico do que sintético, pode ser pensado

como obra da articulação entre essas diferentes posições enunciadas. No que tange à Copa América, a maneira como Dunga, os jogadores convocados e os dirigentes se referem ao que ela representa não se opõe decisivamente ao que falam os repórteres, colunistas e ex-jogadores que estão na imprensa. Aliás, essa situação é condição para que as formações discursivas possam ser articuladas, deixando aflorar as contradições, mostrando as diferenças, mas, sobretudo, incorporando-se mutuamente no nível dos enunciados, considerando, assim, a interdiscursividade que subjaz a todo discurso (FISHER, 1995).

O enunciado, por sua vez, possui uma existência material que se distingue da enunciação, pois “[...] ele precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data.” (FOUCAULT, 1995, p.116). Os enunciados estão amarrados aos jogos de poder, de luta que tomam forma em textos opinativos, transmissão de jogos ao vivo, programas de debate esportivo, entrevistas, reportagens, entre outras. Esse confronto discursivo operado no e pelo discurso midiático pressupõe uma disputa em torno de que seleção é essa. Um confronto que se dá a partir de retomadas e deslocamentos com reminiscências de outras Copas e de outros treinadores, como visto na narração da Rede Globo no primeiro jogo da Seleção Brasileira na competição, logo após o segundo gol do México:

(Galvão Bueno) Dois para o México, zero para o Brasil. Vai ter que mostrar força e personalidade essa Seleção Brasileira. É um time novo, é um time jovem...[...]. É um novo caminho que se tenta no futebol brasileiro, o Dunga assim como o Falcão em 90 recebeu a ordem de: faça uma renovação! (27/06/07).

Assim, os discursos têm a renovação como exigência e como risco e a observação enquanto resguardo e intervenção, pois remetem ao mesmo fato, Copa América, mas não constroem a mesma significação.

Para que um discurso possa participar desse confronto, porém, é necessário que responda a certos procedimentos de controle, atendendo o que Foucault (1998) vai chamar de princípio da

rarefação, ou seja, ninguém, nenhum enunciado vai entrar na ordem dos discursos se não satisfizer certas exigências. Desse modo, entra em funcionamento um regime de verdade a partir daquilo que pode ser dito:

Há sempre batalhas discursivas movendo a construção dos sentidos na sociedade. Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos. Por isso, aquilo que é dito tem de, necessariamente, passar por procedimentos de controle, de interdição, de segregação dos conteúdos. Por serem produtos de práticas, social e historicamente determinadas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades dos discursos são reguladas, regulamentadas: não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer. (GREGOLIN, 2003, p.12).

Os discursos que emergem do campo midiático pré-Copa América fazem circular, por aproximações ou contestações, e reforçam o acontecimento como um primeiro grande teste para a afirmação ou não daquilo que por muitos está sendo concebido como uma nova Seleção Brasileira. Nesse sentido, cabe mapear a produção discursiva na parte final da competição, especialmente o jogo entre o Brasil e a Argentina.

VITÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA

O Brasil e a Argentina mantêm, pelos laços futebolísticos, uma relação de rivalidade estabelecida tanto pelos episódios de campo quanto pelo estilo de viver o futebol (torcedores, imprensa). A rivalidade é tamanha que cabe lembrar que a expressão “Era Dunga” foi cunhada justamente a partir de uma derrota para a Argentina na Copa do Mundo de 1990. Coincidentemente, a mesma Argentina faria a primeira final da “Era Dunga” como treinador da Seleção Brasileira. O encontro entre ambos os países para uma partida de futebol, seja ela válida pela Copa do Mundo ou amistosa, provoca no discurso midiático algo tão forte

quanto os efeitos de um triunfo ou de um vexame, uma produção de identidade a partir da alteridade, que, segundo Hall (1997, 2000), é o par do conceito de identidade. Tomada como diferença, como um tensionador da identidade, representa o outro, e aqui a Argentina pode ser pensada como o outro no futebol sul-americano, não somente pela rivalidade, mas também por ser uma escola futebolística bastante diferenciada da brasileira. Certamente isso ocorre em relação a outros países também, mas a proximidade geográfica, a memória do enfrentamento em outras competições somadas à confrontação viva em outras esferas culturais, que se confundem com a própria história das duas nações, reforça essa alteridade-sentinela percebida em textos como “O Eterno Outro”, de José Geraldo Couto, para a Folha de S. Paulo/SP no dia 23 de junho de 2007, publicado na sua coluna antes mesmo de a Copa América começar:

A Argentina é o nosso eterno outro [...]. Há sempre um portenho no qual concentramos nossas carências e frustrações. [...] Brasil e Argentina encaram um ao outro como quem se mira num desses espelhos deformadores de parque de diversões: o que sobra de um lado falta do outro, o gordo vira magro, o tampinha vira grandalhão. O ‘outro’ causa admiração e repugnância ao mesmo tempo. [...] Trato aqui de clichês, mas consciente de que eles têm seu tanto de verdade. Não existe ‘o’ argentino, assim como não existe ‘o’ brasileiro – só em piadas. Mas há traços de temperamento difundidos de cada um dos lados da fronteira, e as diferenças entre eles têm a ver com a história dos dois povos [...] (O ETERNO..., 2007, p. D7).

A linguagem utilizada pelo cronista não supõe apenas uma descrição daquilo em que brasileiros e argentinos mutuamente se invejam e incorporam. É pela noção de repetibilidade - já que a Argentina é o “eterno outro” - que se reforçam os sinais identitários encontrados em cada lado, mesmo que esses lados não estejam cerrados. Além do mais, é essa abertura com passagens de um a outro, impossibilitando a formação “do” brasileiro e “do” argentino que

faz dessa busca identitária um ato performativo (SILVA, 2000).

Não obstante, o fato de não se ter uma identidade fechada, mas, sim, pertencimentos, identificações históricas e conjunturais, faz da identidade um conceito estratégico e posicional (HALL, 2000). Nessa perspectiva, a imprensa brasileira lançou mão, antes da partida final entre o Brasil e a Argentina, de uma *performance* discursiva que coloca em jogo discursos identitários que ressaltam também a diferença entre as duas seleções, como pode ser visto, por exemplo, na matéria de capa da seção dos esportes de Zero Hora/RS:

Final deste domingo contrapõe time operário de Dunga ao futebol-arte dos argentinos. Se a seleção da Argentina é virtuosa, a de Dunga é sua cópia fiel. A disciplina, a disposição e o compromisso valem mais que jogadas de efeito. [...] Dunga decidiu romper com o fracasso da Copa da Alemanha e adotou nova filosofia. A Seleção ganha ares de time, de família. A cumplicidade norteia a relação. A vaidade ficou longe da concentração do Brasil. Assim como o brilho do futebol. Mas Dunga sempre foi vencedor assim e sua filosofia como técnico passa pela primeira prova. Justo com uma Argentina com cara de Brasil (O SHOW..., 2007, p. 45).

A constituição discursiva localiza no time brasileiro um futebol operário que irá enfrentar um futebol artístico. Esse movimento da imprensa brasileira, planejado ou intuitivo, caracteriza-se como um discurso que insiste em localizar possíveis identidades para o futebol brasileiro, mesmo que seja algo que está no outro, mas que deveria ser, prioritariamente, do nosso futebol, uma vez que a “Argentina está com cara de Brasil”.

Nesse caso, se o campo midiático produz discursos no sentido de reivindicar para o futebol brasileiro uma arte que está sendo encontrada no outro, isto é, se a identidade é produzida por aquilo que diferencia, é sinal de que, se somos artísticos, não deveríamos ser operários. O campo midiático parece não querer para si o discurso pomenorizado do futebol operariado (na comparação de um *versus* o

outro), por isso talvez o esforço de manter certo distanciamento desse novo modelo possível, como pode ser visto na locução da Rede Globo durante o início do segundo tempo da partida, mesmo estando 2 x 0 para o Brasil: “Tá realmente muito unido esse time, porque sabe das suas deficiências, sabe que tomou pancada, que recebeu críticas, foi vencendo as etapas e o time foi se unindo” (Galvão Bueno, 15/07/07).

Diferentemente da narrativa que predomina em outros jogos da seleção, principalmente em Copas do Mundo, quando o campo midiático assume uma posição menos imparcial, na Copa América, mesmo na partida final contra a Argentina, as narrativas tendem ao uso de expressões que anunciam um envolvimento menor, por exemplo, “essa seleção”, “esse time” ou ainda “esse grupo”. Esse exercício de distanciamento era acompanhado de comentários que reforçavam a hipótese de que, para uma parte da imprensa, o time que estava em campo não poderia ser tido como a verdadeira Seleção Brasileira. Um deles foi feito pelo comentarista da Rede Globo Paulo Roberto Falcão minutos após o terceiro gol do Brasil, que se desdobra numa conversa com o locutor Galvão Bueno:

(Falcão) A seleção vem crescendo e sai dessa Copa América, o Dunga pode utilizar uma boa base não como titular digo isso de novo. Acho que o Brasil tem jogadores que não foram que são titulares. O Brasil não pode com essa vitória se enganar [...] mas sair da Copa América com uma vitória encima da Argentina dá uma tranquilidade à continuação do trabalho do Dunga. (Galvão). É, só que dá muita força a esse grupo que aí está né? [...] Dá uma força grande a este grupo que disse sim à convocação, ao grupo que não pediu dispensa, fora aqueles que estavam machucados, ele vai trabalhar encima dessa base pra receber os outros, vamos ver qual vai ser o procedimento dele. Mas ele vai ficar muito fechado com esse grupo não há dúvida nenhuma (15/07/07).

A vitória, ao mesmo tempo em que traz pelo discurso midiático uma possível afirmação para o trabalho de Dunga, causa preocupação pelos

efeitos que pode ter. A esse respeito, ou seja, sobre a preocupação com os efeitos da vitória, a coluna do jornalista Juca Kfourri na Folha S. Paulo/SP no dia posterior à vitória brasileira sobre a Argentina intitulada “Os Piores Foram Melhores” traz o seguinte trecho:

Não há o que contestar na vitória brasileira, a não ser o excesso de faltas. E há por que temer seus efeitos, porque pode levar Dunga a achar que craques não são mais necessários, o que será grave equívoco. De resto, é comemorar mesmo. Porque não há como negar que Dunga tem agora um argumento quase irresponsável, ao não só derrotar o melhor time da Copa América como por tamanha diferença de gols (OS PIORES..., 2007, p. D10).

Afinal, vencer sem os chamados craques, aqueles que dariam o toque artístico, pode significar a afirmação de um novo modelo ou perfil de seleção. Essa ansiedade e desconforto com o selecionado brasileiro é tratada por parte da imprensa como se ela fosse comungada pela grande maioria dos torcedores, como expõe a coluna de Tostão do dia 15 de julho de 2007:

É lamentável o desprezo de Dunga e de tantos outros técnicos pela qualidade do futebol – eles, só pensam no resultado – e a relação agressiva do treinador com a imprensa. [...] Em outras épocas, se um torcedor brasileiro dissesse que iria torcer para a Argentina, seria internado como louco ou exilado. Os tempos mudaram. Muitos dizem que vão torcer para o Brasil perder porque faria justiça ao melhor time da Copa América, Dunga poderia sair e ninguém se iludiria com certos atletas. Outros querem torcer contra o Brasil, mas pega mal. O torcedor está confuso. Há ainda revolta e indiferença ou desilusão de vários torcedores para com os jogadores e com o time brasileiro (não só esse), que parece ser mais uma seleção da CBF, de empresários e patrocinadores do que do Brasil (TORCEDOR..., 2007, p. D11).

O medo da vitória à moda Dunga ou independentemente da forma como ocorra em favor do treinador faz com que o colunista

imprima suas previsões naquilo que o Brasil tem a perder e não a ganhar com isso. Nessa linha, o melhor para o futebol brasileiro seria a vitória da Argentina, que resultaria na demissão de Dunga, confirmando o que o colunista chamou de “precipitada decisão de manter o treinador até a Copa do Mundo”.

Não obstante, há outros discursos, alguns mais localizados na Região Sul, que enfatizam que a vitória da Seleção Brasileira pode representar não só a afirmação de Dunga, mas também um passo importante para a construção de um novo perfil de seleção, não mais preso a um idealizado futebol-arte:

O Brasil é campeão da Copa América nos termos de seu técnico Dunga. Um time aplicado, que marcou o tempo todo e fez desaparecer as individualidades em nome de uma comovente força coletiva. [...] Uma vitória que consolida o trabalho de Dunga e lhe dá tempo para pensar nas Eliminatórias a partir desta afirmação de Maracaibo. [...] Uma vitória conceitual, muito emotiva, mas só depois que o sacrifício de um único jogo foi confirmado (VITÓRIA... , 2007, p. 48).

Foi isto mesmo, a Seleção Brasileira de Dunga humilhou a arrogante e ex-poderosa Argentina, mas foi derrotada, também, uma dominante preferência nacional pelo enganoso futebol-arte (BRASIL..., 2007, p. 49).

Partindo da condição de que toda identidade é relacional, podemos pensar que identidades estão em construção nos diferentes discursos. No título da segunda passagem, por exemplo, dizer que Brasil goleia Brasil pode representar uma identidade que aceite o modelo de um futebol mais artístico (mesmo que o colunista tenha decretado a morte deste), ou a reivindicação por uma identidade onde o futebol "operário", que requer e valoriza a coletividade e o sacrifício, seja também aceito, como parece a primeira passagem. Pela pluralidade dos discursos midiáticos que foram identificados, pode-se dizer que um determinado perfil para a Seleção Brasileira poderia estar na Argentina — principalmente antes da final —, mas que após a

vitória brasileira, passou a estar também no Brasil. Assim, apesar de o campo midiático insistir em fazer circular e produzir discursos identitários para a Seleção Brasileira, a pluralidade e os tensionamentos do campo (expressos nas diferentes passagens aqui citadas) reforçaram diferentes possibilidades de identidade. Estas podem ser tratadas como identidades conjunturais, produzidas também pelo efeito do resultado, confirmando a concepção de que toda identidade oscila entre dois polos onde "de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la" (SILVA, 2000, p. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de *performances* verbais disperso nas transmissões de jogos, reportagens, entrevistas, colunas, matérias, enunciados por locutores, repórteres, comentaristas, ex-jogadores, jogadores, técnico e outros profissionais, não apenas interpreta os fatos, mas também constrói discursos que produzem realidades. A máquina midiática produz um discurso próprio (FISCHER, 1995).

O campo midiático, ao processar todas as informações que estão espalhadas nas vozes dos "especialistas" ou "autoridades" credencia esses discursos a um estado de interdiscurso entendido aqui como um conjunto de discursos ou de unidade discursivas, não necessariamente homogêneas, pertencentes a um ou mais campos (CHARAUDEAU; MAINGUENAU, 2006), que movimentam uma onda discursiva, de modo que os próprios enunciados existem num tempo específico, controlado pelo próprio campo midiático. Esse interdiscurso atende a uma demanda inacabada, algo que está em constante reconfiguração a partir de enunciados produzidos e incorporados pela máquina midiática, provocando alterações, reafirmações, começos e desaparecimentos.

Retomando as repercussões da vitória na Copa América, dias depois do jogo final entre o Brasil e a Argentina, Tostão inicia sua coluna na Folha de S. Paulo/SP do dia 18 de

julho de 2007 com o título "O Modelo de Time é Outro", e alerta que: "O Brasil não pode também se iludir e analisar apenas o último jogo. Em vez de 'fechar com o grupo', como se diz no futebol, Dunga precisa abrir os olhos, enxergar mais longe e somente aproveitar as coisas boas que teve essa seleção. [...] O modelo de time do Dunga não deveria ser o que ganhou [...]" (O MODELO..., 2007, p. D9).

Vencer, nesse caso, já não é o bastante, tanto que a vitória é minimizada como algo enganador. Talvez esse seja um dos motivos que fizeram com que a maioria dos discursos da imprensa esportiva procurasse manter um distanciamento, certa desconfiança em relação à seleção apresentada por Dunga; mas se o modelo de time deve ser outro, e não o que venceu, como diz a crônica, é porque há uma nova demanda discursiva sendo produzida e circulante.

Lembrando a Copa do Mundo de 2006, os discursos da falta de garra e de vontade preencheram as páginas dos jornais e as telas de televisão como uma exigência para que a seleção fosse digna de ser chamada de tal. A renovação do grupo como uma demanda oriunda da derrota da Copa do Mundo foi lembrada pelo próprio Dunga, antes do início da Copa América: "Sei que o cargo de técnico da seleção tem muitas cobranças. Estou no comando e algumas mudanças foram feitas. O povo queria, vocês (jornalistas) queriam, e quando elas ocorrem incomodam algumas pessoas" (TERRA, 2007a). Transcorrido um ano do novo trabalho, os discursos midiáticos revelam que, para certos cronistas esportivos, a Copa América de 2007 deixa como sobra uma vitória sem muitos méritos, pois a seleção está "à cara do técnico".

Passada a Copa América, percebe-se que os "efeitos de circularidade da máquina midiática" (CHARAUDEAU, 2006, p. 27) produziram outros discursos, que clamam por outras identidades para a Seleção Brasileira, mostrando que, ao invés de uma identidade única, coerente e universal, predomina no campo midiático a noção de que todas as identidades são sempre fraturadas, "contraditórias, parciais e estratégicas", (HARAWAY, 2000, p. 53).

THE BRAZILIAN FOOTBALL TEAM IN AMERICA CUP 2007: AN UNFINISHED DISCURSIVE DEMAND

ABSTRACT

This article is located in the field of studies about football and its relations with contemporary culture. In this sense one defined the America Cup 2007 as a *corpus* to investigate the empirical discursive productions that concern the Brazilian National Team under the command of coach Dunga. This event was treated, by much of the national sports media, as a major test for the Brazilian National Football Team, after the leaving the World Cup 2006. Using the methodology of analysis of discourse from the perspective suggested by Michel Foucault, this paper makes a study of media discourse in the Brazilian National Team during the competition where the Team is surges as champion, winning at the final the Argentina Team by 3 X 0. As a conclusion of the study, one points to the media field as an area where it was produced and circulated a discursive plurality which established a dispute between different identities possibilities for the Brazilian National Team.

Keywords: Football. Discourse. Communications media.

REFERÊNCIAS

- BEHETS, D. Comparison of more and less effective BEM, Amigos. Programa esportivo com a presença do técnico da Seleção Brasileira de Futebol Dunga. **Canal SPORTV**, 12 de fevereiro de 2007. Programa de TV (VHS).
- BOURDIEU, Pierre. **Campo de Poder, Campo Intelectual:** itinerário de un concepto. Buenos Aires: Montessor, 2002. Colección Jungla Simbólica.
- BRASIL goleia Brasil. **Zero Hora**. Porto Alegre, 16 jul. 2007. Seção de Esportes, p. 49.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- COPA AMÉRICA DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x Argentina**. Venezuela: Rede Globo, 15 de julho de 2007. Programa de TV (VHS).
- COPA AMÉRICA DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x México**. Venezuela: Rede Globo, 27 de junho de 2007. Programa de TV (VHS).
- DUNGA faz estreia à parte na seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 27 jun. de 2007, Caderno Esporte, p. D1.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 18-37, jul./dez. 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas, SP: Loyola, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GLOBOESPORTE. **Ricardo Teixeira confirma Dunga até a Copa**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,MUL37842-4274,00.htm>>. Acesso em: 17 maio 2007.
- GLOBOESPORTE. **Zé Roberto pede dispensa da Seleção**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Selecao_Brasileira/0,,MUL49400-4482,00.html>. Acesso em: 8 jun. 2007.
- GLOBOESPORTE: **Kaká e Ronaldinho tiveram um mês de férias**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,MUL38693-4274,00.html>>. Acesso em: 18 maio 2007.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. Coleção Olhares Oblíquos.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol:** estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- O ETERNO Outro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2007, Caderno Esporte, p. D7.

Recebido em 20/03/09
 Revisado em 29/08/09
 Aceito em 17/09/09

Endereço para correspondência: Luiz Carlos Rigo. Rua Gonçalves Chaves, 3063 Apto 503 A – Centro, EP: 96015-560, Pelotas-RS, Brasil. E-mail: lcrigo@terra.com.br